

## A RELEVÂNCIA DO ANARCOSSINDICALISMO<sup>†</sup>

*Professor Chomsky, talvez pudéssemos começar tentando definir o que não quer dizer anarquismo. A palavra anarquia é derivada do grego, e significa literalmente "sem governo". Mas é de se supor que aqueles que falam sobre anarquia ou anarquismo, como um sistema de filosofia política, não querem dizer que, a partir de primeiro de janeiro do próximo ano, o governo, tal como agora o entendemos, deixará subitamente de existir; de modo a não haver mais polícia, regras de trânsito, leis, coletores de impostos, correio etc. Possivelmente, o anarquismo significa algo mais complicado do que isso.*

Bem... Sim para algumas dessas questões e não para outras. Aqueles que defendem o anarquismo podem muito bem dizer que não haveria policiais, mas não acredito que diriam que não haveria um código de trânsito. Devo dizer, para começar, que ainda que o termo anarquismo seja utilizado para se referir a uma ampla gama de ideias políticas, eu prefiro pensá-lo como parte da esquerda libertária. Deste ponto de vista, o anarquismo pode ser concebido como um tipo de socialismo voluntário que faz parte — como o socialismo libertário, o anarcossindicalismo ou o anarcocomunismo — da tradição de Bakunin, Kropotkin e outros. Esses anarquistas tinham em mente uma forma de sociedade altamente organizada; no entanto, seria uma sociedade organizada com base nas unidades orgânicas, nas comunidades orgânicas. Em geral, referiam-se ao local de trabalho e à comunidade, e dessas duas unidades básicas poderia derivar, por meio de acordos federais, um tipo de organização social altamente integrada, de alcance nacional e até internacional. E as decisões poderiam ser tomadas em áreas substancialmente amplas por delegados da comunidade orgânica, da qual eles vêm, para a qual retornam e, na qual, de fato, vivem.

<sup>†</sup> Entrevista editada do programa *The Jay Interview*, transmitido pela London Weekend TV, realizada em julho de 1976 e publicada em 1981 na coletânea de artigos de Chomsky, *Radical Priorities*, editada pela Black Rose Books e reeditada recentemente pela AK Press. [N. do E.]

*Portanto, não significa uma sociedade em que não há, literalmente falando, governo, mas uma sociedade em que a principal autoridade emana de baixo para cima e não de cima para baixo. Nesse sentido, a democracia representativa, da forma como ela funciona nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, seria considerada uma forma de autoridade vinda de cima para baixo, ainda que, em última instância, sejam os eleitores que decidem.*

A democracia representativa, da maneira como ela funciona nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, seria criticada por um anarquista desta escola por dois motivos. Em primeiro lugar, porque há um monopólio do poder centralizado no Estado, e, em segundo — o que é perigoso —, porque a democracia representativa limita-se à esfera política e não se estende, seriamente, à esfera econômica. Os anarquistas desta tradição sustentam que o controle democrático da vida produtiva de cada um é o centro de toda libertação humana sincera, ou, de qualquer prática democrática significativa. Ou seja, enquanto os indivíduos forem forçados a alugar a si mesmos no mercado, para aqueles que estão dispostos a empregá-los, enquanto seu papel na produção for simplesmente o de instrumentos subservientes, haverá impressionantes elementos de coerção e de opressão, os quais fazem com que a discussão séria da democracia seja muito restrita, e nada significativa.

*Historicamente falando, houve algum exemplo sustentável, em tamanho significativo, de sociedades que se aproximaram do ideal anarquista?*

Há pequenas sociedades — pequenas em número — que creio terem feito isso muito bem, e há uns poucos exemplos de revoluções libertárias de larga escala que foram, em grande medida, anarquistas em termos estruturais. Quanto às primeiras, pequenas sociedades que se mantiveram por um longo período, creio que o exemplo mais expressivo seja, talvez, os *kibbutzim* israelenses que, por um longo período, foram construídos realmente sob princípios anarquistas, ou seja: autogestão; controle direto dos trabalhadores; integração entre agricultura, indústria e serviço; participação pessoal na autogestão. E eles foram, creio eu, extraordinariamente bem sucedidos, quaisquer que sejam os parâmetros de avaliação.

*Mas eles supostamente estavam, e continuam a estar, dentro da estrutura de um Estado convencional que garante certas estabilidades básicas.*

Bem, nem sempre estiveram. Na verdade, sua história é muito interessante. Desde 1948, eles estão sob a estrutura de um Estado convencional. Antes disso, estavam dentro da estrutura de enclave colonial e, realmente, havia uma sociedade subterrânea, amplamente cooperativa, que não fazia, de fato, parte do sistema britânico, e funcionava fora dele. E até certo ponto, essa sociedade sobreviveu ao estabelecimento do Estado, ainda que tenha se integrado a ele e, a meu ver, perdido grande parte de seu caráter socialista libertário durante esse processo e outros, que são exclusivos da história daquela região, assunto que não temos necessidade de abordar aqui.

Entretanto, acredito que os *kibbutzim*, como instituições socialistas libertárias em funcionamento, constituem um interessante modelo, altamente relevante para sociedades industriais avançadas, o que não é o caso de outras experiências do passado. Um bom exemplo de uma revolução anarquista — levada a cabo realmente em larga escala e o melhor exemplo que conheço — é a Revolução Espanhola de 1936. Houve, na maior parte da Espanha republicana, uma revolução anarquista muito inspiradora que envolveu tanto a indústria quanto a agricultura, além de outras áreas substanciais, e que se desenvolveu de uma maneira que, olhando de fora, pareceria espontânea. Porém, se você buscar suas origens, descobrirá que ela fundamentou-se em umas três gerações de experimento, pensamento e trabalho, que levaram a ideia anarquista para a maior parte da população daquela sociedade, a qual era, em grande medida, pré-industrial — ainda que não totalmente. E isso foi, tanto pelas capacidades humanas quanto, certamente, pelas medidas econômicas, muito bem sucedido.

A produção continuou efetivamente; os trabalhadores nos campos e nas fábricas provaram ser perfeitamente capazes de gerir seus próprios negócios sem qualquer coerção vinda de cima, ao contrário do que muitos socialistas, comunistas, liberais e outros quiseram acreditar. E, de fato, não seria possível dizer o que aconteceria. Essa revolução anarquista foi destruída pela força mas, durante o período em que esteve viva, creio ter sido muito bem-sucedida e, em muitos aspectos, um testemunho bastante inspirador da capacidade dos trabalhadores pobres de se organizarem e gerirem seus próprios negócios, com muito êxito, sem coerção ou controle. Podemos debater em detalhe a relevância da experiência espanhola para uma sociedade industrial avançada.

*Está claro que a ideia fundamental do anarquismo é a primazia do indivíduo — não necessariamente isolado, mas com outros — e a realização de sua liberdade. Isso, em certo sentido, aproxima-se das ideias que deram origem aos Estados Unidos da América. O que aconteceu com a experiência americana, que fez com que a liberdade, utilizada por esta tradição, se tornasse uma expressão suspeita e até decadente para anarquistas e pensadores socialistas libertários como você?*

Deixe-me dizer que, na verdade, não me considero um pensador anarquista. Sou um "companheiro de viagem", um derivado, digamos. Os pensadores anarquistas têm se referido constantemente à experiência americana e à ideia jeffersoniana de democracia, em termos bastante favoráveis. Como se sabe, o conceito de Jefferson de que "o melhor governo é aquele que menos governa" ou o complemento de Thoreau neste sentido, de "que o melhor governo é o que não governa de fato", são muito citados pelos pensadores anarquistas contemporâneos.

Entretanto, o ideal da democracia jeffersoniana, sem levarmos em conta seu caráter escravista, desenvolveu-se em um sistema essencialmente pré-capitalista, ou seja, em uma sociedade em que não havia controle monopolista e centros significativos de poder privado. Na realidade, é impressionante voltar no tempo e ler alguns textos libertários clássicos. Se alguém ler, por exemplo, *Os limites da ação do Estado*, de 1792, de Wilhelm von Humboldt, um importante texto libertário clássico que certamente inspirou Mill, pode achar que ele não fala da resistência à concentração do poder privado, mas da necessidade de se resistir à intromissão do poder coercivo do Estado. E isso é o que se encontra também na antiga tradição americana. No entanto, aquele era o único tipo de poder até então. Digo, Humboldt toma por certo que os indivíduos são, de maneira geral, equivalentes em seu poder privado e que o único desequilíbrio real de poder repousa no Estado autoritário centralizado, e a liberdade individual deve ser defendida contra tal intromissão — do Estado ou da Igreja. Ele considera que deve se opor a estas instituições.

Quando ele fala, por exemplo, da necessidade de controle da vida criativa, quando condena a alienação do trabalho que surge da coerção, da instrução ou da direção no trabalho, ele está defendendo uma ideologia antiestatista e antiteocrática. Esses mesmos princípios aplicam-se muito bem à sociedade capitalista industrial que emergiu

posteriormente. Tendo a acreditar que, se Humboldt fosse coerente, ele acabaria sendo um socialista libertário.

*Estes precedentes não sugerem que há algo inerentemente pré-industrial na aplicabilidade das ideias libertárias — que necessariamente pressupõem uma sociedade mais rural, em que a tecnologia e a produção sejam relativamente simples, e na qual a organização econômica tenda a ser localizada e de pequena escala?*

Deixe-me separar isto em duas questões: a primeira, como os anarquistas vêm pensando esse assunto, e a segunda, o que eu penso sobre isso. Há duas posições anarquistas sobre este assunto. Uma tradição — pensando, por exemplo, em Kropotkin como seu representante — tem muito das características que você descreveu. Por outro lado, há uma outra tradição anarquista que se desenvolveu no anarcossindicalismo e que considera as ideias anarquistas as mais adequadas, em termos de organização, para uma sociedade industrial avançada e altamente complexa. E essa tendência do anarquismo funde-se, ou pelo menos se inter-relaciona, muito estreitamente, com uma tendência do marxismo de esquerda, que se encontra nos comunistas conselhistas que cresceram na tradição luxemburguista, posteriormente representada por teóricos marxistas como Anton Pannekoek, o qual desenvolveu toda uma teoria de conselhos operários na indústria, era um cientista e astrônomo e estava, em grande medida, dentro do mundo industrial.

Qual destas duas visões está correta? Quero dizer, é necessário que os conceitos anarquistas pertençam à fase pré-industrial da sociedade humana ou o anarquismo é a maneira racional de organização para uma sociedade industrial altamente avançada? Bem, eu acredito na segunda hipótese. Ou seja, penso que a industrialização e o avanço da tecnologia aumentam as possibilidades para a autogestão em grande escala, algo que simplesmente não existia num período anterior. E esse é precisamente o modo racional para uma sociedade industrial avançada e complexa, na qual os trabalhadores podem, muito bem, tornar-se senhores de seus próprios e imediatos interesses. Isto é, eles podem assumir a direção e o controle da indústria, mas também estar em posição de tomar decisões mais substantivas, no que diz respeito à estrutura econômica, às instituições sociais, ao planejamento regional e mais do que isso.

Na atualidade, as instituições não permitem que os trabalhadores tenham o controle sobre a informação e o treinamento necessários

para entender essas questões. Algo muito bom poderia ser feito. Muito do trabalho necessário para manter um nível de vida social decente poderia ser reservado às máquinas — pelo menos em princípio —, o que significa que os humanos poderiam ficar mais livres para empreender trabalhos criativos que podem não terem sido possíveis, objetivamente, nos estágios iniciais da revolução industrial.

*Você poderia esboçar, com um pouco mais de detalhes, a constituição política de uma sociedade anarquista? Como você a conceberia nas condições modernas? Haveria partidos políticos, por exemplo? Quais formas residuais de governo permaneceriam?*

Deixe-me esboçar o que eu creio ser um certo consenso, e o que acredito estar essencialmente correto. Começando com os dois modos de organização e de controle imediatos, isto é, a organização e o controle no local de trabalho e na comunidade, pode-se imaginar uma rede de conselhos de trabalhadores, e num nível mais alto, uma representação entre as fábricas, entre ramos da indústria ou entre os ofícios, até a assembleia geral dos conselhos de trabalhadores, que podem ser de caráter regional, nacional e internacional. De outro lado, se poderia projetar um sistema de governo que envolvesse assembleias locais — federadas regionalmente, lidando com questões regionais, cruzando ofícios, indústrias, comércios etc., e novamente, no nível da nação ou, além, por meio da federação...

Agora, como exatamente estes sistemas se desenvolveriam, como se inter-relacionariam e se ambos seriam necessários ou apenas um deles... Estes são temas que os teóricos anarquistas vêm debatendo e existem muitas propostas; não me sinto convicto para tomar uma posição. Essas são questões que terão ainda de ser trabalhadas.

*Mas não haveria, por exemplo, eleições nacionais diretas e partidos políticos organizados nacionalmente, como acontecia antes. Porque se houvesse, provavelmente isso criaria um tipo de autoridade central que seria inimiga da ideia do anarquismo.*

Não, a ideia do anarquismo é que a delegação de autoridade tem de ser mínima e que os representantes, em qualquer um dos níveis de governo, devem responder diretamente para a comunidade orgânica em que vivem. De fato, a situação ideal seria que a participação em um destes níveis de governo fosse temporária e, mesmo durante o período em que estivesse acontecendo, ela deveria consumir somente parte do tempo. Ou seja, os membros de um conselho de trabalhadores que

estão, por algum período, encarregados de tomar decisões que outras pessoas não têm tempo de tomar, deveriam continuar a fazer suas tarefas no local de trabalho ou na comunidade aos quais pertence.

Quanto aos partidos políticos, acredito que uma sociedade anarquista não impediria à força a formação de partidos políticos. O anarquismo sempre se baseou na ideia de que qualquer tipo de "leito de Procusto", qualquer sistema de normas que seja imposto à vida social, limitará e subestimarà muito sua energia e vitalidade, e que todo tipo de novas possibilidades de organização voluntária podem desenvolver-se ao mais alto nível da cultura intelectual e material. Mas acredito que é justo dizer que à medida que os partidos políticos forem sendo necessários, a organização anarquista da sociedade terá falhado. Ou seja, creio que onde houver participação direta na autogestão, em questões econômicas e sociais, as facções, os conflitos, as diferenças de interesses, ideias e opiniões, devem ser bem-vindos e estimulados, e devem ser expressados em qualquer um destes níveis. Não vejo por que isso deveria reduzir-se a dois ou três partidos políticos. Acredito que a complexidade da vida e dos interesses humanos não se reduz a esse modelo. Partidos representam basicamente interesses de classe e as classes já devem ter sido eliminadas ou transcendidas nesse tipo de sociedade.

*Uma última questão sobre organização política. Não há um perigo que esse tipo de camada hierárquica das assembleias e das estruturas quase governamentais, escolhida sem eleições diretas, faça com que o corpo central, ou o corpo que está, de alguma maneira, no topo desta pirâmide, esteja muito distante das pessoas da base? Visto que serão necessários alguns poderes, por exemplo, para se negociar assuntos internacionais e também para se ter controle sobre as forças armadas e coisas do tipo, isso seria menos aceitável democraticamente do que o regime existente?*

É uma qualidade muito importante de qualquer sociedade libertária impedir uma evolução em direção ao que você descreve, que é uma possível evolução, e instituições deverão ser criadas para impedir este processo. Penso que isso é completamente possível. Eu mesmo não estou totalmente convencido de que a participação nesse governo deva ser um trabalho de tempo integral. Isso pode acontecer em uma sociedade irracional, em que todo tipo de problemas surge por causa da natureza irracional das instituições. Mas em uma sociedade industrial avançada, propriamente funcional, organizada

dentro de linhas libertárias, acredito que a execução das decisões tomadas pelos corpos representativos é um trabalho para dedicarmos somente parte de nosso tempo. Algo que deveria ser rotativo entre os membros da comunidade e, além disso, ser realizado pelas pessoas que, a todo momento, continuam a participar diretamente de suas atividades.

É possível que o governo seja, em si mesmo, uma função igual, digamos, à produção de ferro. Se isso for verdade — e acho que é uma questão de fatos empíricos que devem ser determinados; ela não pode ser projetada para fora da mente —, parece-me uma sugestão natural que o governo deva ser industrialmente organizado, tão simplesmente como um dos ramos da indústria, com seus próprios conselhos de trabalhadores, seu próprio autogoverno e sua própria participação nas assembleias mais amplas.

Devo dizer que nos conselhos de trabalhadores desenvolvidos espontaneamente aqui e ali — por exemplo, na revolução de 1956 na Hungria —, foi exatamente isso que aconteceu. Havia, pelo que me lembro, um conselho de trabalhadores empregados pelo Estado que estava totalmente organizado em linhas industriais, como mais um ramo da indústria. Isso é perfeitamente possível, e deveria ou poderia constituir uma barreira contra a criação desse tipo de burocracia coercitiva e distante, tão temida pelos anarquistas.

*Se você supõe que continuaria havendo necessidade de um sistema de autodefesa bastante sofisticado, não vejo pela sua descrição como seria possível ter um controle efetivo deste sistema de conselhos — com os representantes dedicando-se somente parte do tempo, nos vários níveis, de baixo para cima —, de uma organização tão poderosa, necessária e tecnicamente sofisticada como, por exemplo, o Pentágono.*

Primeiro devemos ser claros em relação à terminologia. Você se refere ao Pentágono, conforme geralmente se faz, como uma organização de defesa. Em 1947, quando a Lei de Defesa Nacional foi aprovada, seu autor, o Departamento de Guerra — o departamento americano preocupado com a guerra que, até então, era chamado honestamente de Departamento de Guerra — teve seu nome trocado para Departamento de Defesa. Nessa época eu era um estudante não muito sofisticado, mas sabia, e todo mundo sabia, que isto significava que, independente do envolvimento que o exército americano tenha tido no passado com a defesa — e ele parcialmente teve — aquilo havia acabado; desde que foi denominado Departamento de Defesa,

estava claro que seria um departamento de ataque, de agressão, e nada mais.

*De acordo com o princípio de nunca se acreditar em algo, até que seja negado oficialmente.*

Exato. Assim como a suposição de Orwell, que apreendeu essencialmente a natureza do Estado moderno. E esse é exatamente o caso. Ou seja, o Pentágono não é, em qualquer sentido que seja, um departamento de defesa. Ele nunca defendeu os Estados Unidos de ninguém; ele apenas serviu para atacar. Penso que o povo americano estaria muito melhor sem um Pentágono, já que o povo certamente não precisa dele para sua defesa. Sua intervenção em assuntos internacionais nunca foi — bem, você sabe, “nunca” é uma palavra forte, mas acho que seria difícil encontrar um caso —, e certamente não tem sido, sua característica; apoiar a liberdade ou defender as pessoas e assim por diante. Esse não é o papel dessa grande organização militar que é controlada pelo Departamento de Defesa. Suas tarefas são, mais propriamente, duas — ambas completamente antissociais.

A primeira é preservar um sistema internacional, no qual os chamados “interesses americanos”, os quais significam essencialmente interesses empresariais, possam prosperar. E a segunda é uma tarefa econômica interna. Ou seja, o Pentágono vem sendo o principal mecanismo keynesiano por meio do qual o governo intervém para manter o que é ridiculamente chamado de eficácia da economia, com o estímulo da produção — o que significa produzir gastos.

Essas duas funções servem a certos interesses, na realidade a interesses dominantes, da classe dominante da sociedade americana. Não acredito que elas sirvam aos interesses públicos e penso que o sistema de produção de gastos e de destruição deveria ser necessariamente desmantelado em uma sociedade libertária. Porém, não se deve falar em demasia sobre isso. Se imaginarmos, vamos supor, que uma revolução social fosse levada a cabo nos Estados Unidos — o que está muito longe, devo reconhecer —, seria difícil imaginar que haveria algum grande inimigo externo que pudesse ameaçá-la. Não seríamos atacados pelo México ou por Cuba, por exemplo. Uma revolução americana não exigiria, a meu ver, defesa contra ataques. Por outro lado, se a revolução social libertária acontecesse, digamos, no Leste Europeu, acredito que o problema da defesa seria crucial.

*Eu ia dizer que, seguramente, não pode ser inerente à ideia anarquista o fato de não haver autodefesa, porque os experimentos anarquistas*

*tas, onde quer que tenham ocorrido, de acordo com a história, foram destruídos a partir de fora.*

Creio que não se pode dar uma resposta geral a essas questões. Elas têm de ser respondidas especificamente, de acordo com as condições objetivas e historicamente específicas.

*Tenho um pouco de dificuldade para acompanhar sua descrição do controle democrático adequado para esse tipo de organização, porque acho um pouco difícil ver os generais controlando a si mesmos, de uma forma que você aprovaria.*

É por isso que eu quero chamar a atenção para a complexidade da questão. Depende do país e da sociedade sobre os quais se está falando. Nos Estados Unidos surge um tipo de problema. Se houvesse uma revolução social libertária na Europa, penso que os problemas que você levanta seriam muito sérios, porque haveria um grande problema em relação à defesa. Creio que se o socialismo libertário tivesse sido alcançado no Leste Europeu, em algum nível, haveria uma ameaça militar direta, tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos. E o problema seria como essa ameaça deveria ser combatida. Esta foi a dificuldade enfrentada pela Revolução Espanhola. Houve uma intervenção militar direta dos fascistas, dos comunistas e das democracias liberais nos bastidores. A questão de como é possível defender-se contra um ataque desse nível é muito séria.

Entretanto, creio que devemos nos questionar se os exércitos regulares centralizados, com meios de intimidação de alta tecnologia, são a maneira mais efetiva de levar a cabo essa defesa. E a resposta não é assim tão óbvia. Por exemplo, eu não creio que um exército centralizado da Europa Ocidental poderia, sozinho, deter um ataque russo ou americano que quisesse impedir o socialismo libertário — o tipo de ataque que, francamente, poderia ser esperado em algum nível; talvez não no nível militar, mas ao menos no econômico.

*Mas, por outro lado, vários camponeses com pás e forcados também não seriam a melhor maneira...*

Não estamos falando de camponeses; estamos falando de uma sociedade altamente sofisticada, urbana e industrial. E parece-me que o melhor método de defesa seria o apelo político à classe trabalhadora dos países que tomassem parte no ataque. Mas, novamente, não quero ser supérfluo; poderiam ser necessários tanques e exércitos. E se preciso fosse, creio que certamente isto contribuiria para o possível fracasso ou pelo menos para o declínio da força revolucionária

— exatamente pelas razões que você mencionou. Isto é, penso ser extremamente difícil imaginar como poderia funcionar um exército centralizado efetivo, preparando tanques, aviões, armas estratégicas etc. para o ataque. Se isto for necessário para preservar as estruturas revolucionárias, creio que elas não devem ser mantidas.

*Se a defesa fundamental é o apelo político ou o apelo à organização política e econômica, talvez pudéssemos discuti-las um pouco mais detalhadamente. Você escreveu em um de seus artigos que "numa sociedade decente, todos teriam a oportunidade de encontrar trabalhos interessantes, e seria permitido a cada pessoa a realização mais completa possível de suas habilidades". E, então, você perguntou: "O que mais seria necessário? Uma recompensa em forma de riqueza e poder? Somente se assumirmos que aplicar as habilidades no trabalho interessante e socialmente útil não seja recompensador por si mesmo". Acredito que essa linha de raciocínio é certamente uma das coisas que atrai muitas pessoas. Mas, para mim, ainda precisa ser explicado, por que o tipo de trabalho que as pessoas achariam interessante, atrativo e prazeroso coincidiria, tão proximamente, com o tipo de trabalho que precisaria realmente ser feito, se formos sustentar um padrão de vida exigido pelas pessoas e ao qual elas estão acostumadas.*

Há uma certa porção do trabalho que precisaria ser feita apenas se mantivéssemos este padrão de vida. O quão árduo esse trabalho deve ser é uma questão ainda não respondida. Lembremos que a ciência, a tecnologia e o intelecto não têm se dedicado a examinar essa questão ou a superar o caráter árduo e autodestrutivo do trabalho necessário da sociedade. A razão é que sempre se tem assumido que existe um corpo substancial de escravos assalariados que assim permanecerão, simplesmente, porque, de outra maneira, passariam fome. Contudo, se a inteligência humana fosse direcionada para essa questão de como tornar significativo o trabalho necessário da sociedade, não saberíamos qual seria a resposta. Suponho que grande parte dele poderia ser totalmente tolerável. É um erro pensar que mesmo o duro trabalho físico é necessariamente árduo. Muitas pessoas — inclusive eu — o fazem para relaxar. Recentemente, por exemplo, eu decidi que iria plantar 34 árvores numa campina atrás de casa que faz parte da Comissão Estadual de Conservação, o que significa que tive de cavar 34 buracos na terra. Você sabe, para mim, levando em consideração o que eu faço a maior parte do meu tempo, este foi um trabalho muito duro, mas devo admitir que gostei. Eu não teria apreciado

se houvesse normas de trabalho, se eu tivesse um supervisor e se eu fosse obrigado a fazer isso em um momento determinado... Por outro lado, se essa é uma tarefa realizada sem o interesse pelo lucro, tudo bem, ela pode ser feita. E isso sem nenhuma tecnologia, sem nenhum projeto de como desenvolver o trabalho etc.

*Devo colocar que talvez haja um perigo de que esta visão das coisas seja uma ilusão, uma visão por demais romântica, aceita apenas por uma pequena parcela de pessoas da elite, como professores universitários, jornalistas e pessoas do tipo, que estão numa situação muito privilegiada de serem pagos para fazer aquilo de que gostam.*

É por isso que eu coloquei um grande "se". Eu disse que, primeiramente, devemos nos perguntar em que medida o trabalho necessário da sociedade — isto é, o trabalho que é requerido para manter o padrão de vida que queremos — precisa ser árduo e indesejável. Creio que a resposta é: muito menos do que é hoje; todavia, assumamos que há uma parcela deste trabalho que continuará a ser árdua. Bem, neste caso, a resposta é muito simples: esse trabalho deve ser igualmente dividido entre as pessoas capazes de realizá-lo.

*Todos passariam alguns meses por ano trabalhando numa linha de produção de automóveis, alguns meses coletando lixo, e...*

Considerando que essas sejam tarefas em que as pessoas realmente não encontram autorrealização. Eu não acredito muito nisso. Quando vejo as pessoas trabalhando — por exemplo, artesãos ou mecânicos de automóvel —, penso que frequentemente essas pessoas orgulham-se bastante de seu trabalho. Creio que há um tipo de orgulho no trabalho bem feito, no trabalho complicado que é bem feito, porque ele requer pensamento e inteligência para ser realizado, especialmente quando também se está envolvido na gestão da empresa, na determinação de como o trabalho será organizado, quando se sabe para que ele serve, quais são seus propósitos, qual será o seu destino... Acredito que tudo isso pode ser uma atividade satisfatória e recompensadora que, de fato, requer habilidades; o tipo de habilidade que as pessoas gostam de ter e de colocar em prática. Entretanto, estou pensando hipoteticamente agora. Suponha que haja uma parcela de trabalho que realmente ninguém queira fazer, qualquer que seja esse trabalho — penso que essa parcela de trabalho deve ser dividida igualmente. As pessoas serão livres para exercer suas habilidades da maneira que julgarem conveniente.

*Se essa parcela fosse muito grande, como algumas pessoas diriam que é, se ela representasse, para o trabalho envolvido na produção, 90% do que nós todos quiséssemos consumir, a organização para se dividir isso, com base em que todos fizessem um pouco desses trabalhos desagradáveis, seria amplamente ineficiente. Porque, afinal de contas, você tem de ser treinado e equipado para fazer também os trabalhos desagradáveis; a eficiência de toda a economia sofreria com isso e, por conseguinte, o padrão de vida seria reduzido.*

Primeiro, isto é de fato bem hipotético, porque eu não acredito que as coisas sejam assim. Parece-me que se a inteligência humana se dedicasse a estudar como a tecnologia poderia ser desenvolvida para suprir as necessidades do produtor humano, em vez do contrário — isto é, agora perguntamos como o ser humano, com suas propriedades especiais, pode ser adaptado a um sistema tecnológico desenvolvido para outros fins, de produção para o lucro —, minha opinião é que se isso fosse feito, descobriríamos que o trabalho realmente indesejado é bem menor do que você sugere. Mas, de qualquer forma, note que temos duas alternativas. Uma delas é dividi-lo igualmente, a outra é desenvolver instituições sociais nas quais um grupo de pessoas seria simplesmente obrigado a fazer esse trabalho, sob pena de morrer de fome. Essas são as duas alternativas.

*Não obrigadas a fazer, mas elas deveriam concordar em fazer voluntariamente porque a elas poderia ser pago um valor que valesse a pena.*

Estou considerando que todos receberiam remuneração equivalente. Não se esqueça que não estamos falando de uma sociedade em que as pessoas que fazem o trabalho árduo recebem substancialmente mais do que as pessoas que fazem o trabalho que escolheram — muito pelo contrário. Da forma como nossa sociedade funciona, da forma como qualquer sociedade de classes funciona, as pessoas que fazem trabalhos indesejados são as que recebem menor remuneração. Esse trabalho é feito e preferimos nos esquecer disso, porque assumimos que haverá uma grande classe de pessoas que controla apenas um fator da produção — isto é, seu trabalho — e tem de vendê-lo, e essa classe terá de fazer isso porque não tem outra coisa para fazer, e ainda será muito mal remunerada por isso. Eu aceito sua correção. Imaginemos três tipos de sociedade. Uma, a atual, em que o trabalho indesejado é realizado pelos escravos assalariados. Imaginemos um segundo sistema em que o trabalho indesejado, depois dos melhores

esforços para torná-lo significativo, seja dividido. Imaginemos também um terceiro sistema em que o trabalho indesejado receba um pagamento bem elevado, e por isso alguns indivíduos escolham voluntariamente fazê-lo. Parece-me que o segundo e o terceiro sistemas são compatíveis com — vagamente falando — os princípios anarquistas. Eu defenderia o segundo em vez do terceiro, mas qualquer um dos dois está bem longe de qualquer organização social atual ou de qualquer tendência na organização social contemporânea.

*Deixe-me colocar o assunto de uma outra forma. Parece-me que há uma escolha fundamental, ainda que ela esteja encoberta, entre duas alternativas: se você organiza o trabalho de acordo com a satisfação que ele dá às pessoas que o realizam ou se você o organiza sobre as bases do valor daquilo que é produzido para as pessoas que irão utilizar ou consumir o que é produzido. Uma sociedade organizada com o objetivo de oferecer a todos a máxima oportunidade para realizar seus hobbies — o que é essencialmente o trabalho pelo trabalho — encontra sua extrapolação lógica num monastério, em que o tipo de trabalho que é feito, isto é, rezar, é um trabalho para o autoenriquecimento do trabalhador e a partir dele nada é produzido, nada que tenha alguma utilização, sendo que aqueles que o realizam vivem com um baixo padrão de vida ou, de fato, passam fome.*

Você faz algumas suposições factuais, das quais eu discordo. Minha opinião é que parte do que faz o trabalho ser significativo é que ele tenha uma utilização, que os resultados dele tenham um uso. O trabalho de um artesão é, em parte, significativo para ele, em função da inteligência e das habilidades que ele deposita nesse trabalho, mas também, em parte, porque o trabalho é útil. Devo dizer que isso também vale para os cientistas. O fato de o trabalho realizado conduzir a algo mais — e você sabe que é esse o seu significado na ciência —, a algo além, é muito importante, independente da elegância e da beleza daquilo que você realiza. E creio que isso é válido para todo o campo do esforço humano. Além disso, penso que, se olharmos para boa parte da história humana, encontraremos aquelas pessoas que, em grande medida, conseguiram obter algum nível de satisfação — frequentemente muita satisfação — no trabalho produtivo e criativo que faziam. E acredito que as chances disso acontecer são enormemente ampliadas pela industrialização. Por quê? Precisamente porque muito da falta de significado do trabalho pesado pode

ser suprida com as máquinas, o que significa que o campo para o trabalho humano realmente criativo aumenta consideravelmente.

No entanto, você fala sobre o trabalho livremente realizado como um *hobby*. Não concordo com isso. Penso que o trabalho livremente realizado pode ser útil, significativo e bem feito. Você também propõe um dilema que muitas pessoas colocam, entre o desejo de satisfação no trabalho e o desejo de se criar algo de valor para a comunidade. E não é tão óbvio que haja algum dilema, alguma contradição. Portanto, não está claro, de modo algum — e de fato eu acredito que não é verdade — que a contribuição para o aumento do prazer e da satisfação no trabalho seja inversamente proporcional à contribuição para seu valor de produção.

*Não inversamente proporcional, mas pode não ter relação. Digo, tomemos algumas coisas bem simples como vender sorvetes na praia num feriado. É um serviço à sociedade; sem dúvida as pessoas querem sorvetes, elas sentem calor. Por outro lado, é difícil ver em que sentido há prazer de uma pessoa, um grande senso de virtude social ou de nobreza, em se desenvolver tal tarefa. Por que alguém deveria realizar essa tarefa se não for recompensado por isso?*

Devo dizer que tenho visto alguns vendedores de sorvete muito alegres...

*É claro, eles estão ganhando muito dinheiro.*

Eles podem gostar da ideia de vender sorvetes para as crianças, o que me parece uma maneira perfeitamente razoável de utilização do tempo, em comparação com milhares de outras ocupações que tenho em mente.

Lembre-se que uma pessoa tem uma profissão, e parece-me que muitas das profissões existentes — especialmente aquelas que envolvem os serviços, ou seja, as relações com seres humanos — têm uma satisfação intrínseca e uma recompensa associada a elas, por razão do trato com os seres humanos envolvidos. Isso é verdade para a atividade de ensinar e também para a de vender sorvetes. Eu concordo que a venda de sorvetes não requer a inteligência e o compromisso exigidos pelo ensino e, talvez por essa razão, seja uma ocupação menos desejada. Mas, se assim for, ela deverá ser dividida.

Entretanto, o que estou dizendo é que nossa característica suposição — de que o prazer e o orgulho no trabalho estão desconectados ou negativamente relacionados ao valor de produção — está relacionada com um estágio particular da história social, o capitalismo,

no qual seres humanos são instrumentos de produção. De maneira nenhuma isso é verdade. Por exemplo, se você checar muitas entrevistas com trabalhadores nas linhas de montagem, que vêm sendo feitas por psicólogos da indústria, verá que uma das coisas que eles se queixam sempre é o fato de que seu trabalho simplesmente não pode ser bem feito, de que a linha de montagem vai tão rápido que eles não podem fazer o seu trabalho corretamente. Recentemente eu li um estudo sobre longevidade em um jornal de gerontologia que buscava enumerar os fatores que podem ser utilizados para prever a longevidade — você sabe, cigarros e álcool, fatores genéticos; tudo foi observado. E concluiu-se que, de fato, o indicador responsável pela maior longevidade, o de maior sucesso, e a satisfação no trabalho.

*As pessoas que têm bons trabalhos vivem mais.*

As pessoas que estão satisfeitas com seus trabalhos. Penso que isso faz muito sentido porque é nisso que você “gasta” a vida, é nisso que estão suas atividades criativas. O que leva à satisfação no trabalho? Acredito que muitas coisas levam a isso, e saber que você está fazendo algo útil para a comunidade é parte importante. Muitas pessoas que estão satisfeitas com seus empregos são pessoas que sentem que aquilo que fazem é importante. Podem ser professores, médicos, cientistas, artesãos ou agricultores. Creio que o sentimento de que aquilo que se faz é importante, digno, contribui para aqueles que têm vínculos sociais, é um fator muito importante na satisfação pessoal.

Além disso, há o orgulho e a autossatisfação que vêm de um trabalho bem feito — de simplesmente colocar suas habilidades em prática. Não vejo como isto poderia prejudicar o valor daquilo que é produzido; creio que, ao contrário, aumentaria esse valor.

Mas vamos imaginar que em algum nível prejudique. Muito bem, neste momento, a sociedade, a comunidade, terá de decidir como chegar a um acordo. Cada indivíduo é tanto um produtor quanto um consumidor, e isso significa que cada indivíduo tem de tomar parte nesses compromissos determinados socialmente — se de fato forem compromissos. E novamente sinto que a natureza do compromisso seja muito exagerada, por razão do prisma distorcido do sistema no qual vivemos, que é realmente coercitivo e pessoalmente destrutivo.

*Tudo bem, você diz que a comunidade deve tomar as decisões sobre os compromissos, e é claro que a teoria comunista dá conta disso em todo o seu pensamento sobre planejamento nacional, decisões e*

*direção de investimento, e assim por diante. Em uma sociedade anarquista, parece que você não concordaria em suprir essa quantidade de superestrutura governamental, que seria necessária para fazer os planejamentos, tomar as decisões de investimentos, decidir se se daria prioridade ao que as pessoas querem consumir ou se se priorizaria o trabalho que as pessoas querem fazer.*

Não concordo. Parece-me que estruturas anarquistas, ou, neste caso, estruturas marxistas de esquerda, fundamentadas em sistemas de conselhos e federações de trabalhadores, proporcionam exatamente o conjunto de níveis de tomada de decisão, no qual decisões sobre um planejamento nacional podem ser tomadas. Similarmente, as sociedades sob o socialismo de Estado também possuem um nível de tomada de decisão — digamos, a nação —, no qual planejamentos nacionais podem ser produzidos. Não há diferença a esse respeito. A diferença tem a ver com a participação nessas decisões e com o controle sobre elas. Na visão dos anarquistas e dos marxistas de esquerda — como aqueles que defendiam os conselhos de trabalhadores ou os comunistas conselhistas — tais decisões devem ser tomadas pela classe trabalhadora, que seria informada em suas assembleias e por seus representantes diretos, que vivem entre ela e que trabalham com ela. No socialismo de Estado, o planejamento nacional é feito por uma burocracia nacional que acumula para si mesma toda a informação relevante, toma as decisões, apresenta-as ao público e, ocasionalmente, de tempos em tempos, comparece diante dele e diz: “Vocês podem escolher a mim ou a ele, mas nós todos somos parte dessa isolada burocracia”. Essas são as opções, são os polos opostos dentro da tradição socialista.

*Então, de fato, há um papel bem considerável para o Estado e, possivelmente, até para os funcionários públicos, para a burocracia, mas é o controle sobre isso que é diferente.*

Veja, eu realmente não acredito que precisamos de uma burocracia separada para executar as decisões governamentais.

*Você precisa de várias habilidades.*

Sim, mas consideremos as habilidades relacionadas ao planejamento econômico, porque, certamente, em qualquer sociedade industrial complexa deve haver um grupo de técnicos, cuja tarefa é fazer projetos, projetar as consequências das decisões e explicar às pessoas que vão tomar as decisões que se elas tomarem uma determinada decisão, terão de arcar com prováveis consequências, porque

é isso que o seu modelo de processo preconiza. Mas a questão é que esses sistemas de planejamento também são indústrias, terão seus conselhos de trabalhadores e serão parte de todo o sistema de conselhos; e a diferença é que esses sistemas de planejamento não tomariam as decisões. Eles produziram projetos, exatamente da mesma maneira que os trabalhadores automotivos produzem carros. Os projetos seriam então disponibilizados para os conselhos de trabalhadores e para as assembleias de conselhos, da mesma maneira que os carros são disponibilizados para quem vai dirigi-los. No entanto, é claro que isto requer uma classe trabalhadora informada e educada. É precisamente esse tipo de coisa que somos capazes de realizar em sociedades industriais avançadas.

*Até que ponto o sucesso do socialismo libertário ou do anarquismo depende realmente de uma mudança fundamental na natureza do homem, em termos de motivação, altruísmo, conhecimento e sofisticação?*

Penso que não depende apenas disso, mas todo propósito do socialismo libertário é que ele deve contribuir com isso. Contribuirá com uma transformação espiritual — precisamente aquele tipo de grande transformação na maneira como os humanos concebem a si mesmos e na sua capacidade de agir, decidir, criar, produzir, questionar — que os pensadores sociais, desde tradição marxista de esquerda, a partir de Rosa Luxemburgo, até aos anarcossindicalistas, têm sempre enfatizado. Por um lado, requer essa transformação espiritual, por outro, sua proposta é criar instituições que contribuirão para essa transformação na natureza do trabalho, na natureza da atividade criativa, nos laços sociais entre as pessoas e, por meio dessa interação, criar instituições que permitam que novos aspectos da natureza humana floresçam. E, assim, construir novas instituições libertárias com as quais esses seres humanos livres podem contribuir; essa é a evolução do socialismo, da maneira como eu o entendo.

*E, finalmente, professor Chomsky, na sua opinião, quais são as chances de sociedades desse tipo virem a existir nos principais países industriais do ocidente, no próximo quarto de século?*

Não creio saber o suficiente ou estar suficientemente informado para fazer previsões e penso que as previsões sobre questões tão mal entendidas, provavelmente, e em geral, acabam por refletir mais a personalidade do que o julgamento. Mas creio que, pelo menos, podemos dizer que o capitalismo industrial tende obviamente à concentração do poder em impérios econômicos restritos e àquilo que

está se tornando, cada vez mais, um Estado totalitário. Essas são tendências que vêm se desenvolvendo há muito tempo, e não vejo nada que as esteja realmente detendo. Acredito que essas tendências continuarão; elas são parte da estagnação e do declínio das instituições capitalistas.

Entretanto, parece-me que esse desenvolvimento rumo ao totalitarismo de Estado e à concentração econômica — e é claro que ambos estão ligados — levará continuamente a uma reação, a esforços de libertação pessoal e a esforços organizativos de libertação social. E isto tomará todo tipo de forma. Por toda a Europa, de uma maneira ou de outra, há uma reivindicação para o que é às vezes conhecido como participação ou cogestão dos trabalhadores, ou mesmo, algumas vezes, como controle operário. Muitos desses esforços, ainda assim, são mínimos. Creio que eles estão equivocados e podem até minar os esforços da classe trabalhadora para libertar-se. Mas, em parte, eles são suscetíveis a uma forte intuição e à compreensão de que a coerção e a opressão, seja pelo poder econômico privado ou pela burocracia estatal, não são aspectos necessários da vida humana. E quanto mais continuarem essas concentrações de poder e autoridade, mais veremos a reação contra elas e os esforços de organização visando derrotá-las. Cedo ou tarde esses esforços terão êxito, assim eu espero.

*Tradução: Rodrigo Rosa e Bruna Mantese*